

Orientações Práticas para Disciplina na Sala de Aula

William H. Green e Prema Gaikwad

Para planejar uma viagem importante, você deve responder algumas perguntas: Quanto tempo tomará para que chegue ao destino? Qual a distância? Que tipos de transportes estão disponíveis? Quem irá comigo? E assim por diante. Responder a este tipo de questões é freqüentemente mais importante do que a própria escolha da rota. O mesmo é verdade acerca das decisões relacionadas com a disciplina na sala de aula. Que orientações deveriam ser consideradas quando se planeja a difícil mas ao mesmo tempo importante jornada da carreira profissional?

Este artigo sugere seis orientações: conhecer o propósito da disciplina, fazer a conexão entre instrução e comportamento, desenvolver um repertório de modelos, ensinar habilidades sociais, planejar as primeiras duas semanas de aulas, e aplicar a fórmula 90-9-1. Embora não seja tudo, estas orientações provêm de anos de estudo e prática. Mas primeiro vejamos uma definição.

Definindo a Disciplina

O que é disciplina? Como ela se relaciona ao ensino? A raiz do termo *disciplina* é a palavra latina *discara*, que significa “aprender.” A palavra *discipulo* vem desta mesma raiz. O discípulo segue o professor para aprender dele ou dela. Transferindo esta idéia para a sala de aula, os alunos aprendem se comportar observando ou imitando o professor.

Quando pensam acerca da disciplina, os professores tendem a focalizar o mau comportamento. Como vimos acima, o conceito de disciplina é muito mais amplo do que isto. Ele trata do aprendizado em geral e é grandemente ensinado por experiência e exemplo. Contudo, tratar do mau comportamento é importante tanto para o aluno como para o professor. Portanto, este artigo focalizará a prevenção ou a correção do mau comportamento na sala de aula.

Conhecendo o Propósito da Disciplina

A orientação central para professores pode ser expressa nas seguintes perguntas: Qual o propósito da disciplina? Que resultado você deseja? Em um ambiente secular a resposta é freqüentemente esta: Desejamos um ambiente ordeiro para que o aprendizado possa acontecer. Contudo, o propósito da disciplina não é apenas promover um ambiente seguro e ordeiro, mas também ensinar o domínio próprio. Isto se ajusta ao modelo bíblico bem como à teoria do comportamento. Mas o propósito vai além de domínio próprio, estendendo-se à conversão e ao *controle de Deus*. Esta perspectiva é exclusiva do cristianismo e completamente diferente do ponto de vista secular. Embora isto ofereça um sério desafio aos professores cristãos, eles têm a vantagem de poder apelar para a ajuda divina.

Assim, o que quer que façamos como professores cristãos deve ser visto dentro do contexto do nosso alvo global. Pergunte a si mesmo: Irá o meu exemplo ou a minha prática ajudar meus alunos na experiência da conversão? Irá isto

ajudá-los a permitir que Deus controle seus pensamentos e comportamento?

Fazendo a Connexão Entre Boa Instrução e Bom Comportamento

Há uma conexão entre o bom ensino e a boa disciplina.¹ O professor deve ter um repertório de modelos de instrução e usá-los de forma apropriada. Isto significa combinar o modelo com o conteúdo a ser ensinado, o nível de desenvolvimento do aluno, e o desejado resultado final do aprendizado. Seguindo-se estas orientações deve-se prevenir muitos problemas de disciplina. Quanto mais amplo o repertório educacional, mais as necessidades dos alunos serão satisfeitas, e menos necessidade haverá de disciplina corretiva.

Aprendizado Cooperativo

Certos modelos educativos tendem a reduzir os problemas de disciplina. O aprendizado cooperativo é um destes modelos. Johnson e Johnson, Slavin, e Kagan oferecem alguns modelos para o aprendizado cooperativo.² Os modelos mais elaborados produzem, benefícios pessoais, acadêmicos, e sociais para os estudantes.

Alguns exemplos bíblicos utilizam os princípios do aprendizado cooperativo. Cristo frequentemente trabalhou com grupos. Ele enviou os discípulos de dois em dois. Paulo também frequentemente trabalhou com uma equipe em seus esforços missionários. A idéia de que não somos responsáveis apenas por nosso comportamento, mas também, em certa medida, pelo comportamento daqueles próximos de nós é um princípio derivado da Bíblia.

Modelos Compatíveis com o Cérebro

O método do aprendizado compatível com o cérebro tornou-se popular recentemente.³

Muitos escritos e algumas pesquisas têm demonstrado o uso prático destes conceitos.⁴

Um de tais modelos de instrução é o da Instrução Temática Integrada (ITI), desenvolvido por Susan Kovalik. A ITI procura construir um ambiente de sala de aula que se ajuste à maneira como as crianças aprendem.

Muitas práticas de sala de aula, de acordo com Kovalik⁵ são inimigas do aprendizado, ou pelo menos não utilizam as formas como as crianças aprendem melhor. A ITI usa o aprendizado

cooperativo e é uma boa cobertura para outros modelos educativos.

Várias práticas específicas advogadas pela ITI objetivam prevenir problemas de disciplina e promover crescimento pessoal e social. Duas de tais práticas são as de Mega-Habilidades⁶ e Normas Pelas Quais Viver.⁷ As dez Mega-Habilidades são valores, atividades e comportamentos que determinam o aproveitamento da criança (ver abaixo). As Normas Pelas Quais Viver (ver a página seguinte) são uma série de expectativas que ajudam os estudantes a aprender a se responsabilizar por seu comportamento. As Mega-Habilidades e as Normas Pelas Quais Viver podem ser afixadas na sala de aula, onde o professor e os alunos podem contemplá-las cada dia. O professor algumas vezes selecionará uma determinada Mega-Habilidade ou Norma Pela Qual Viver para uma semana e a discutirá diariamente. Os princípios aí esboçados se ajustam perfeitamente aos ideais cristãos.

MEGA-HABILIDADES

1. **Confiança:** sentir-se capaz de realizar
2. **Motivação:** desejar realizar
3. **Esforço:** desejar trabalhar árduamente
4. **Responsabilidade:** fazer o que é certo
5. **Iniciativa:** mover-se para a ação
6. **Perseverança:** completar o que foi iniciado
7. **Cuidado:** demonstrar interesse pelos outros
8. **Senso de equipe:** trabalhar com outros
9. **Sensatez:** usar bom julgamento
10. **Solução de problemas:** utilizar o que você aprendeu e o que você pode fazer

Desenvolvendo um Repertório

Os professores devem desenvolver um repertório de modelos educativos para melhor satisfazer as necessidades dos alunos e promover resultados específicos no aprendizado. O mesmo é verdade a respeito de estratégias de disciplina. Porque uma variedade de modelos de disciplina encontra-se disponível, os professores devem ser capazes de encontrar vários modelos que se ajustem às suas personalidades e filosofias, e que produzam o resultado desejado. Diferentes modelos enfatizam diferentes aspectos do comportamento social e pessoal. Charles⁸ relaciona oito diferentes modelos que os professores podem usar.

Ensinando Habilidades Sociais

Talvez agora mais do que no passado, os professores necessitam diretamente instruir os alunos em habilidades que eles necessitam para se relacionarem bem com os outros. Isto pode ser feito usando-se as Mega-Habilidades e as Normas Pelas Quais Viver, como parte da contínua instrução da sala de aula. A versão de aprendizado cooperativo de Johnson e Johnson⁹ discute como ensinar diretamente as habilidades sociais que os alunos necessitam para aprender a cooperar. O Diagrama em "T"¹⁰ de Johnson (ver a página seguinte) descreve uma destas maneiras. Tanto escolas como empresas descobriram que esta abordagem é bastante útil para estudantes e funcionários que não aprenderam a conviver bem com seus colegas.

Especialistas do comportamento também elaboraram métodos para ensinar e avaliar habilidades sociais.¹¹ Os professores podem encontrar orientações metodológicas que possam ajudá-los a ensinar habilidades sociais aos estudantes, uma área que parece mais necessária hoje do que antes.

Planejando as Primeiras Duas Semanas de Aula

As primeiras duas semanas de aula são decisivas para o sucesso de todo o ano escolar. Muito do recente trabalho em administração da sala de aula é fundamentado nesta idéia. A pesquisa básica tem, em sua maior parte, vindo de estudos conduzidos por um grupo da Universidade do Texas, em Austin, E. U. A.¹²

O grupo do Texas bem como outros grupos têm desenvolvido passos específicos ou orientações para as primeiras duas semanas de aula.

Sprick,¹³ por exemplo, relaciona sete passos usados no planejamento das primeiras duas semanas. Ele crê que o primeiro dia oferece uma oportunidade para se fazer a melhor impressão possível do professor.

As orientações de Sprick para o planejamento das primeiras duas semanas da escola incluem os seguintes sete passos:

1. Relacione todos os tipos de atividades de classe.
2. Para cada atividade, imagine como você gostaria que os estudantes se comportassem.
3. Estabeleça regras de classe.
4. Defina as conseqüências para mau comportamento sério.
5. Estabeleça um sistema de notas que encorage e motive a participação.

6. Estabeleça rotinas para tarefas designadas e recolha os deveres de sala de aula e deveres de casa.

7. Prepare atividades para o primeiro dia de classe.

Sprick também apresenta a plano de cinco passos para os primeiros 10 minutos de classe, com o propósito de ajudar os professores a fazerem uma impressão positiva sobre os estudantes. (Incidentalmente, seu livro é um excelente recurso para os professores. Ele relaciona 42 dos maiores problemas de comportamento e sugere aos professores passos específicos que podem ser tomados para superar tais problemas).

Aplicando a Fórmula 90-9-1

Ao se prevenir e corrigir mau comportamento, a fórmula 90-9-1 pode ser uma orientação útil aos professores. Para cerca de 90 por cento dos estudantes, as técnicas e métodos de grupo para salas de aula inteiras, usualmente resolvem os problemas ou previnem sua ocorrência ou reocorrência. Estes métodos incluem a definição do comportamento esperado do grupo, estabelecimento de rotinas, e reafirmação de habilidades sociais úteis. Para cerca de 9 por cento dos estudantes, os processos de grupo e salas de aula inteiras não funcionam adequadamente. Técnicas individuais são necessárias. Estas incluem palestras um-a-um com os estudantes, rotinas verbais, ou contratos escritos para corrigir comportamentos específicos.

Em alguns casos, tanto as técnicas de grupo como as dirigidas individualmente pelo professor, não funcionam. Cerca de um a cinco por cento dos estudantes necessitam de ajuda de outros profissionais. Em algumas classes a percentagem é mais alta do que em outras. Mesmo com as melhores estratégias para salas de aula e práticas individualizadas, certas crianças necessitarão da assistência de profissionais tais como psicólogos, psiquiatras, médicos e assistentes sociais. Os professores necessitam ser assegurados de que é normal recorrer à ajuda exterior para tratar de tais problemas.

Uma forma de prover esta ajuda é estabelecer grupos de estudos entre as crianças. Esta abordagem multidisciplinar para a solução de problemas utiliza psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais, professores em educação especial e professores regulares em cada escola — mesmo em pequenas escolas.

STANDARDS TO LIVE BY (Normas Pelas Quais Viver)

Não humilhar a ninguém
Escutar atentamente
Confiança
Verdade
Fazer o Seu Melhor

Diagrama em "T"

De acordo com os Johnsons, um Diagrama em "T" pode ser utilizado para ensinar habilidades sociais. O professor deve fazer uma lista das habilidades que ele ou ela deseja que seus alunos dominem. Há dezenas de possibilidades, tais como encorajar outros membros do grupo, fazer turnos, partilhar materiais, criticar idéias em lugar de criticar pessoas, e assim por diante. Os Johnsons sugerem os seguintes passos para construir um Diagrama em "T":

1. Escrever o nome das habilidades que devem ser aprendidas e traçar um grande "T" sobre elas.
2. Dar ao lado esquerdo do "T" o título "parece," e ao lado direito, "soa assim."
3. No lado esquerdo escrever um certo número de comportamentos para ilustrar a habilidade. No lado direito escrever um certo número de frases que colocam a habilidade em prática.
4. Fazer com que todos os estudantes pratiquem o "parece" e o "soa assim" várias vezes antes que a lição seja apresentada.

Um Diagrama em "T" para se ensinar habilidades sociais pode assemelhar-se a isto:

Encorajamento

PARECE	SOA ASSIM
Polegar para cima (sinal de "positivo")	"Qual é a sua idéia?"
Tapinha nas costas	"Eu não tinha pensado nisto."
Aperto de mão	"Boa idéia."
	"Isto ajuda."
	"Isto é interessante."

Sumário

Algumas das orientações discutidas acima são mais específicas e portanto mais úteis no contexto imediato de uma sala de aula. Planejar para as duas primeiras semanas de aula, por exemplo, é uma orientação que pode ajudar cada professor. Ensinar diretamente habilidades sociais é outra estratégia prática que produz resultados imediatos. Outras são de longo prazo e menos específicas. Desenvolver um repertório de ensino e modelos de disciplina toma tempo e esforço, mas é um trabalho que vale a pena.

Perceber que há alguns problemas que os professores não podem resolver, mesmo quando fizeram o seu melhor, deve ser confortador — mas também significa que os professores necessitarão buscar a ajuda de outros.

Resumindo, o propósito da disciplina nas escolas Adventistas deve guiar o desenvolvimento da escolha de estratégias e modelos. Isto é uma responsabilidade extraordinária, mas a jornada e o destino merecem o esforço.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. R. L. Spaulding, "A Systematic Approach to Classroom Discipline," Parte I, *Phi Delta Kappan*, 65:1 (setembro 1983), págs. 48-51, e "Systematic Approach to Classroom Discipline," Parte II, idem, 65:2 (outubro 1983), págs. 132-136.
2. Ver, por exemplo, David W. Johnson e R. Johnson, *Joining Together: Group Theory and Group Skills* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1987); David W. Johnson, R. Johnson, e Edythe Johnson Holubec, *Circles of Learning: Cooperation in the Classroom* (Edina, Minn.: Interaction Book Co., 1990); Robert E. Slavin, *Cooperative Learning* (White Plains, N.Y.: Longman, 1983); Spencer Kagan, *Cooperative Learning: Resources for Teachers* (San Juan Capistrano, Calif.: Resources for Teachers, 1989).
3. P. Gaikwad, *Integrated Thematic Instruction: A Descriptive Case Study of Its Adaptation and Implementation*, dissertação doutoral não publicada (Andrews University, Berrien Springs, Michigan, EUA, 1991).
4. Renate N. Caine e Geoffrey Caine, *Making Connections: Teaching and the Human Brain* (Alexandria, Va.: Association for Supervision and Curriculum Development, 1991); R. Ellingsen, *The Classroom of the 21st Century: The Integrated Thematic Instruction Approach to a Brain-Compatible Environment* (Village of Oak Creek, Ariz.: Susan Kovalik and Associates, 1989); L. A. Hart, *Human Brain and Human Learning* (Village of Oak Creek, Ariz.: Books for Educators, 1983).
5. S. Kovalik, *Teachers Make the Difference* (Village of Oak Creek, Ariz.: Susan Kovalik and Associates, 1989).
6. D. Rich, *Megaskills: How Families Can Help Children Succeed in School and Beyond* (Boston: Houghton Mifflin Company, 1988).
7. J. Gibbs, *Tribes: A Process for Social Development and Cooperative Learning* (Santa Rosa, Calif.: Center Source Publications, 1987).
8. C. M. Charles, *Building Classroom Discipline: From Models to Practice* (White Plains, N.Y.: Longman, Inc., 1989).
9. Johnson, Johnson, e Holubec, *Cooperation in the Classroom*.
10. Idem, pág. 5.5.
11. W. R. Jenson, H. M. Sloane, e K. R. Young, *Applied Behavior Analysis in Education: A Structured Teaching Approach* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1988); H. M. Walker, F. Steinzeig, J. Y. Clark, e J. Walker, *The SBS (Social Behavior Survival) Teacher Observation Code* (Eugene, Ore.: Center on Human Development, University of Oregon, 1980).
12. E. Emmer e C. Evertson, *Effective Management at the Beginning of the School Year in Junior High Classes* (Austin, Tex.: Research and Development Center for Teacher Education, 1980).
13. R. S. Sprick, *Discipline in the Secondary Classroom* (West Nyack, N.Y.: The Center for Applied Research in Education, Inc., 1985).

Dr. William H. Green é professor de educação e diretor do Departamento de Ensino e Aprendizagem na Escola de Educação, na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Dra. Prema Gaikwad é professora assistente de educação e diretora do Centro de Leitura no Spicer College, Pune, Índia. Ela recentemente completou o seu doutorado em Currículo e Instrução, na Andrews University.